

O FIM DA ERADO MACHO

A CRISE ECONÔMICA NÃO ACABARÁ COM O CAPITALISMO, MAS ENCERRARÁ O DOMÍNIO DO HOMEM SOBRE A MULHER. A TRANSIÇÃO SERÁ SUTIL, PORÉM DOLOROSA

POR REIHAN SALAM FOTO THOMAS SUSEMIHL

PODEMOS DIZER AGORA, SEM MEDO DE ERRAR, QUE O LEGADO mais duradouro da atual crise financeira não será o fim de Wall Street. Não será o fim das finanças, e não será também o fim do capitalismo. Essas idéias e instituições sobreviverão. O que não sobreviverá é o macho. A escolha que os homens terão de fazer - aceitar ou lutar contra esse fato da história - terá conseqüências devastadoras para toda a humanidade, tanto para as mulheres quanto para os homens.

Há vários anos o mundo vem testemunhando uma transferência de poder discreta, porém contundente, dos homens para as mulheres. Hoje, a recessão transformou o que era uma mudança evolucionária em revolucionária. A conseqüência não se limitará a um golpe mortal no clube machista conhecido como capital financeiro, que levou o mundo à atual catástrofe econômica. Será uma crise para milhões e milhões de profissionais do sexo masculino no mundo todo.

A recessão já está sendo chamada na blogosfera de *he-cession* (uma brincadeira, em inglês, que associa o pronome masculino à crise econômica). Mais de 80% dos profissionais que perderam o emprego desde novembro nos Estados Unidos são homens. Ali e na Europa, a crise deixou mais de 7 milhões de homens desempregados. Os setores econômicos tradicionalmente dominados pela mão de obra masculina (construção e manufatura pesada) entraram em queda de forma mais acentuada que os setores de domínio feminino (saúde, educação e setor público). No balanço geral, 28 milhões de homens perderão o empre-



go até o final de 2009. É claro que o macho é um estado de espírito, e não apenas uma questão de ter emprego.

À medida que os homens forem atingidos com força cada vez maior pela *he-cession*, estarão também cada vez menos preparados para lidar com os custos psíquicos profundos e duradouros resultantes da perda do emprego. De acordo com *o American Journal of Public Health*, o desgaste financeiro provocado pelo desemprego tem conseqüências significativamente maiores sobre a saúde mental dos homens do que sobre a das mulheres. Em outras palavras, precisamos nos preparar para lidar com um bando de homens infelizes.

A crise afetará cada vez mais a política. Basta ver a resposta do eleitorado à catástrofe global que começa a ganhar forma. Quando a economia da Islândia implodiu, os eleitores fizeram algo inédito: não só se livraram da elite masculina que assistiu à gestão da crise como também escolheram como primeira-ministra Johanna Sigurdardottir, a primeira líder do mundo declaradamente lésbica. De acordo com Halla Tomasdottir, chefe de um dos raros bancos solventes da Islândia, foi uma resposta perfeitamente razoável à "competição fállica" dos bancos de investimentos dominados por homens. "Foram eles que nos meteram nessa situação - e se divertiram muito durante todo esse tempo", queixou-se Halla à revista alemã *Der Spiegel*. Pouco depois, a minúscula e endividada Lituânia tomou um rumo semelhante elegendo a primeira mulher presidente do país: Dalia Grybauskaitė, uma economista experiente e faixa preta em caratê. No dia em que ela ganhou as eleições, o principal jornal do país estampou na manchete: "A Lituânia decidiu: o país será salvo por uma mulher".

Embora nem todos os países reajam expulsando esses tipos, a pressão sobre eles é grande. Essa transferência substancial de poder dos homens para as mulheres deverá se acelerar significativamente daqui para a frente, já que mais pessoas se darão conta de que foi o comportamento agressivo e ávido pelo risco que fez com que os homens se entrincheirassem no poder que hoje se revela destrutivo e insustentável num mundo globalizado.

SALÁRIOS MAIORES

Durante muitos anos aceitou-se pacificamente - conforme demonstrado em 2001 por Brad Barber e Terrance Odean, economistas especializados no comportamento financeiro - que, de todos os fatores que podem ser relacionados aos excessos nos mercados financeiros, como idade, estado civil etc, o culpado mais evidente é o cromossomo Y. Os machos do setor financeiro mundial criaram as condições para o colapso econômico global com o apoio de seus colegas do sexo masculino na esfera governamental.

Um exemplo disso foi a bolha imobiliária, cujos efeitos explosivos são sentidos mais violentamente hoje nos países ocidentais. Nos Estados Unidos, o próspero setor da

Foto

construção gerou alguns empregos relativamente bem pagos para homens dotados de poucas habilidades e que respondiam por 95,5% da força de trabalho. A bolha imobiliária criou cerca de 3 milhões de postos de trabalho a mais no setor de construção de moradias, o que não seria possível se a situação fosse diferente. Outras indústrias de forte presença masculina, como o setor de produção de cimento, transporte e arquitetura, também prosperaram substancialmente.

Ao mesmo tempo, os empregos majoritariamente femininos, como os da área de suporte à saúde, têm remuneração bem menor. Salários muito bons permitiram aos homens preservar sua vantagem econômica sobre as mulheres. Sempre que se pergunta aos gestores de políticas por que não fizeram nada para deter a inflação provocada pela bolha, eles se defendem dizendo que o setor de moradia foi um propulsor importante da geração de empregos. Sem dúvida, o subsídio concedido ao macho proporcionou inúmeros benefícios. Furar a bolha, portanto, teria sido suicídio político.

Contudo, ela é somente o mais recente de uma série de esforços para dar sustentação ao macho. No auge da Grande Depressão, em 1933, 15 milhões de americanos ficaram à margem de uma força de trabalho composta por cerca de 75% de indivíduos do sexo masculino. Isso corroeu o modelo vigente de sustentação econômica dolar. O New Deal preocupou-se, então, com a criação de empregos, sobretudo para os homens.

Isolar as mulheres do mercado, mantendo-as em casa, tornou-se motivo de status para os homens, um objetivo alcançado de forma mais evidente na constituição do modelo de família do pós-guerra. A Grande Depressão e o New Deal reforçaram os papéis masculinos tradicionais: prometia-se às mulheres segurança financeira em troca do entrincheiramento do homem no poder econômico.

Foto

Hoje, essa antiga barganha se desfez, e nenhuma intervenção estatal conseguirá restaurá-la. O pacote de estímulo à economia dado pelo governo americano não guarda muita semelhança com o programa de obras públicas do New Deal. Apesar do que foi comentado inicialmente, ou seja, que o pacote estimularia projetos de infraestrutura básica, linhas de trem de alta velocidade e outras obras que dariam um empurrão significativo aos setores masculinos da economia, há um volume muito maior de dinheiro - de forma direta ou indireta - canalizado para educação, saúde e outros serviços sociais. Nos Estados Unidos, as mulheres respondem por cerca de 50% dos cientistas das áreas biológicas e médicas e por % dos trabalhadores da indústria de saúde. O presidente Barack Obama disse o que pensa sobre a transferência de poder dos homens para as mulheres quando declarou ao *The New York Times* que o emprego na construção e na fabricação não vai desaparecer; entretanto, "representará daqui para a frente um percentual menor da economia". "Como consequência", disse Obama, "as mulheres deverão se tornar as principais responsáveis pelo ganha-pão em casa."

Tudo isso sinaliza que o problema do macho agressivo e de salário alto demais está agora dando lugar ao macho desempregado e sem rumo - um fenômeno diferente, porém igualmente destrutivo. Longos períodos de desemprego geralmente resultam em consumo exagerado de bebida, principalmente entre homens na faixa de 27 a 35 anos, conforme constatou, no ano passado, um estudo da área de ciências sociais e medicina. Além disso, os machos derrotados pela globalização podem dar adeus à possibilidade de casamento. "Nos grupos de trabalhadores cujos empregos estão migrando para o exterior ou sendo substituídos por chips de computador", diz o sociólogo Andrew Cherlin, "será cada vez menor o número de jovens adultos convencidos da possibilidade de se casar."

É evidente que homens solitários e entregues a grandes quantidades de bebida, que se sentem obsoletos e gostariam imensamente de recuperar a identidade perdida do macho, já podem ser encontrados na paisagem industrial devastada pelo mundo afora, das regiões mais industrializadas dos Estados Unidos (conhecidas como Cinturão da Ferrugem ou da Produção Industrial) até os

Até o fim do ano, **28 milhões** de homens perderão o emprego no mundo inteiro. Boa parte da ajuda dos governos está indo agora para **setores dominados pelas mulheres**, como saúde, educação e serviços sociais

Foto

PRESENTE E PASSADO

Homens chineses pedem trabalho numa feira de empregos em Pequim, no mês de fevereiro, e nas ruas de Nova York, durante a Grande Depressão: a crise econômica agora terá consequências bem diferentes

destroços pós-soviéticos da Rússia de Vladimir Putin e as megalópoles do Oriente Médio. Se a recessão se estender por muito tempo (e muitos acreditam nessa possibilidade), um enorme trauma psíquico se esparramará como um borrão de tinta. E quais serão os desdobramentos dessa mudança num mundo pós-macho? Isso vai depender das escolhas que os homens fizerem, e eles só têm duas.

A primeira delas é adaptar-se. O homem deverá acolher a mulher como parceira de mesma estatura e terá de se adequar às novas sensibilidades culturais e aos modelos de igualdade. Isso não quer dizer que o homem ocidental se converterá em metrossexual, e que as bilheterias do futebol e as vendas de cerveja vão despencar. Contudo, em meio à morte do macho, um novo modelo de masculinidade poderá emergir, sobretudo entre alguns homens mais instruídos do Ocidente rico.

A economista Betsey Stevenson referiu-se ao declínio do velho tipo de casamento, em que o homem se especializava em vender sua força de trabalho enquanto a mulher criava os filhos. Esse modelo estaria sendo substituído pelo "casamento de consumo, em que ambos contribuem igual-

mente para a produção de mercado, porém há agora o desejo comum de decidir o que consumir e como viver a vida a dois". Casamentos assim costumam durar mais, e resultam em divisões mais igualitárias das tarefas domésticas.

O casamento tende a levar os homens (principalmente os de baixa renda) a se preocuparem mais com suas carreiras. Foi o que constatou o economista Eric D. Gould, em estudo realizado em 2004. Eles passam a estudar mais, trabalhar mais e aspirar a empregos em grandes empresas.

Essa adaptação talvez traduza um cenário muito otimista, mas perfeitamente possível. Há, porém, uma outra escolha: resistir. Os homens podem optar pela luta contra a morte do macho, sacrificando suas perspectivas pessoais num esforço para tumultuar e retardar uma tendência histórica inevitável. São inúmeros os precedentes. Quem não tiver formas construtivas de liberar a raiva pode aderir à pior forma de extremismo possível. É o caso de gente que tem saudade da KGB russa ou que se une à Jihad em busca da honra perdida, só para ficar em alguns poucos exemplos. Existem muitos homens, também no Ocidente, que querem se contrapor à histó-

“O emprego na construção não desaparecerá”, disse Barack Obama, “mas vai representar um percentual **cada vez menor** na economia. As mulheres passarão a ganhar o pão de cada dia”

Foto

ria. Apesar dessa gente, desta vez os países desenvolvidos, de modo geral, não estão interessados em preservar os velhos desequilíbrios da ordem criada pelo macho.

OS EFEITOS SOBRE AS MULHERES

A escolha entre adaptação e resistência deverá ocorrer num cenário de divisão geopolítica: enquanto os homens da América do Norte e da Europa Ocidental, de modo geral (porém, nem sempre com muita satisfação) se adaptarão à nova ordem de igualdade, seus colegas nos gigantes emergentes do Leste Europeu e do sul da Ásia poderão impor uma desigualdade ainda mais exacerbada. Nessas sociedades, o poder do Estado será usado não para fazer prosperar os interesses das mulheres, e sim para dar sobrevida ao macho.

É o caso da Rússia, onde um esforço nesse sentido já ocorre desde a década passada. Embora o país tenha 10,4 milhões a mais de mulheres do que de homens, essa diferença não se traduz em poder político ou econômico. Depois do colapso soviético, o ideal da igualdade feminina foi abandonado quase que por completo, e muitos russos voltaram ao culto do provedor do lar em tempo integral (o governo de Putin, por exemplo, oferece um incentivo financeiro às gestantes). Mas os homens russos, golpeados pelos rearranjos provocados pelo colapso da União Soviética e por uma década de sucessivas crises econômicas, simplesmente não conseguiram se adaptar. "Era comum os homens caírem em depressão e passar o dia bebendo e fumando deitados no sofá", afirma a escritora moscovita Masha Lipman.

Isso fez com que as resilientes mulheres russas ganhassem mercado, embora se vissem obrigadas a aceitar níveis estratosféricos de exploração no trabalho e de

hipocrisia dentro de casa. Na Rússia, mais do que em qualquer outro país, é muito alto o percentual de mulheres em idade de trabalho que têm emprego, conforme constatou Elena Mezentseva, do Centro de Estudos dos Sexos de Moscou. Todavia, em 2000, elas ganhavam metade do salário pago aos homens pelo mesmo serviço. Enquanto isso, Putin ajudou e apoiou esses homens, transformando a saudade do macho extinto da era soviética em ideologia.

Outro cenário igualmente tenebroso vem tomando forma na China. O pacote de estímulo econômico do país, de US\$ 596 bilhões, tem fortes semelhanças com o programa de obras públicas do New Deal. Enquanto educação e saúde foram as áreas que mais atraíram os dólares do pacote americano, mais de 90% do estímulo chinês vai para a construção de casas para a população de baixa renda, estradas de ferro, rodovias, barragens, usinas de tratamento de esgoto, rede elétrica, aeroportos. Essa orgia de gastos tem como objetivo conter o prejuízo catastrófico causado pela perda de postos de trabalho no setor exportador.

A *he-cession* está criando pontos de consenso entre pessoas de opiniões antagônicas, de economistas comportamentais a historiadoras feministas. Contudo, embora muitos culpem os homens pelo caos econômico atual, boa parte do debate em torno do assunto tem se concentrado nos efeitos da recessão sobre as mulheres. E as conseqüências são reais. As mulheres detinham uma taxa de desemprego mundial mais elevada antes da recessão atual, e ainda são as mais afetadas. Isso faz com que muitos concordem com um relatório da Organização das Nações Unidas divulgado no início do ano: "A crise econômica e financeira coloca um fardo desproporcional sobre as mulheres, cuja presença é maior nos empregos vulneráveis e que, em geral, recebem benefícios menores da seguridade social e do seguro-desemprego".

Trata-se de uma preocupação válida, e que não é incompatível com o fato de que bilhões de homens no mundo todo - e não só uns poucos banqueiros que não merecem confiança - serão cada vez mais afetados pelo novo mundo que se forma na esteira dos destroços da crise. À medida que as mulheres começarem a ganhar mais poder social, econômico e político, haverá simplesmente uma revolução em larga escala, como a civilização humana jamais testemunhou.

Isso não significa que mulheres e homens vão se enfrentar de armas em punho atrás de barricadas. O conflito será mais sutil, e o principal campo de batalha serão os corações e as mentes. Contudo, que ninguém se engane: o eixo do conflito mundial deste século não será o embate de ideologias, nem a competição geopolítica e tampouco o conflito de civilizações.

Não será também a questão racial ou étnica. Será o sexo. Não há precedentes para um mundo depois da morte do macho. A transição será dolorosa, desigual e, ao que tudo indica, bastante violenta.